



O INCÔMODO DA INCOMPLETUDE NA CONTEMPORANEIDADE: SOFRIMENTO E TEATRALIDADE EM UMA PERSPECTIVA SARTRIANA

Doi: 10.62506/phs.v5i2.187

The Nuisance of Incompleteness in Contemporary Times: Suffering and
Theatricality in a Sartrian Perspective

MICHELLE THIEME DE
CARVALHO MOURA*

La moléstia de Incompletitud en los Tiempos Contemporâneos: Sufrimiento
y Teatralidad en una Perspectiva Sartriana

Resumo: O artigo em questão propõe discutir de que forma as particularidades de nossa contemporaneidade se relacionam com a busca por um ideal irrealizável de completude, junto a isso, busca também apresentar alguns desdobramentos desse fenômeno nas relações de tensão entre o homem e seu horizonte existencial nos dias de hoje. A discussão aqui desenvolvida tem como base teórica norteadora a perspectiva fenomenológico-existencial de Jean-Paul Sartre, filósofo que concebe a subjetividade como uma construção sempre inacabada. Assim, em um primeiro momento partiremos de uma visão mais ampla sobre nossa condição humana para entendermos a intrínseca relação entre inacabamento, angústia, liberdade e teatralização de si mesmo. Em um segundo momento, discutiremos em que medida o horizonte histórico em que vivemos contribui para a busca por um acabamento e o consequente silenciamento da teatralidade que nos constitui enquanto seres livres. Tal fenômeno parece ter uma forte relação com o projeto de onipotência atual que concebe a incompletude como um incômodo a ser superado. Veremos que a análise crítica desse cenário aqui discutido revela questões fundamentais de serem pensadas por uma Psicologia de inspiração sartriana na contemporaneidade.

Palavras-chave: Incompletude; Sartre; Contemporaneidade; Sofrimento; Teatralidade.

Abstract: The article in question proposes to discuss how the particularities of our contemporaneity are related to the search for an unrealizable ideal of completeness, along with this, it also seeks to present some developments of this phenomenon in the relations of tension between man and his existential horizon nowadays. The discussion developed here is based on the theoretical basis of the phenomenological-existential perspective of Jean-Paul Sartre, a philosopher who conceives subjectivity as an always unfinished construction. Thus, at first we will start from a broader view of our human condition to understand the intrinsic relationship between unfinished, anguish, freedom and theatricalization of oneself. In a second step, we will discuss to what extent the historical horizon in which we live contributes to the search for a finish and the consequent silencing of the theatricality that constitutes us as free human beings. This phenomenon seems to have a strong relationship with the current omnipotence project that sees incompleteness as an uncomfortable defect to be overcome. We will see that the critical analysis of this scenario discussed here reveals fundamental questions to be considered by a Psychology of Sartrian inspiration in contemporary times.

Keywords: Incompleteness; Sartre; Contemporaneity; Suffering; Theatricality.

Resumen: El presente artículo propone discutir de que manera las particularidades de nuestra contemporaneidad están relacionadas con la búsqueda por un ideal irrealizable de integridad, buscando todavía, presentar algunos desarrollos de este fenómeno en las relaciones de tensión entre el hombre y su horizonte existencial en los días de hoy. La discusión desarrollada aquí se basa en la perspectiva teórica y fenomenológica-existencial de Jean-Paul Sartre, un filósofo que concibe la subjetividad como una construcción siempre inacabada. Por lo tanto, al principio empezaremos desde una visión más amplia de nuestra condición humana para comprender la relación intrínseca entre incompletitud, angustia, libertad y teatralización de uno mismo. Discutiremos en un segundo momento, de que manera el horizonte histórico en que vivimos contribuye con la búsqueda por un final y al consiguiente silencio de la teatralidad que nos constituye como seres libres. Este fenómeno parece tener una fuerte relación con el proyecto actual de omnipotencia que considera que la incompletitud es un defecto incómodo que debe ser superado. Veremos que el análisis crítico de esta discusión revela preguntas fundamentales para una psicología de inspiración sartriana en los tiempos contemporâneos.

Palabras-clave: Incomplete; Sartre; Contemporaneidad; Sufrimiento; Teatralidad.

* Escola Naval/RJ, Brasil, Email: michelle_thieme@yahoo.com.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2045-9025>



Introdução

É que depois de anos de verdadeiro sucesso com a máscara, de repente – ah, menos que de repente, por causa de um olhar passageiro ou uma palavra ouvida – de repente a máscara de guerra de vida cresta-se toda no rosto como lama seca, e os pedaços irregulares caem com um ruído oco no chão. Eis o rosto agora nu, maduro, sensível quando já não era mais para ser. E ele chora em silêncio para não morrer. Pois nessa certeza sou implacável: este ser morrerá (Lispector, 1999, p. 80-81).

Começar o presente artigo¹ com a citação acima não é uma escolha aleatória. A literatura de Clarice Lispector possui a preciosa característica de desestabilizar nossa crença em um “eu” acabado e permanente, por isso, aparece aqui como ponto de partida para as discussões que serão desdobradas a seguir. Conforme veremos, a incômoda constatação que Clarice provoca no trecho citado possui forte ressonância com um questionamento central neste trabalho: o que fazemos quando constatamos que a “máscara de guerra” que “colamos” em nós, em nosso viver contemporâneo, é provisória e incompleta?

Para desenvolver tal questão norteadora, este artigo terá como base teórica principal a perspectiva fenomenológico-existencial do filósofo Jean-Paul Sartre. Nessa perspectiva, a subjetividade é concebida primordialmente como uma construção incessante e inacabada, que faz e se refaz em uma espécie de “jogo” com o mundo, sem qualquer possibilidade de definições permanentes. Veremos que para Sartre (2008), a condição de *sermos* alguém no mundo é sempre uma *representação* para os outros e para nós mesmos. Nesse sentido, o fenômeno da teatralização de si não é compreendido aqui como uma escolha, mas sim como algo que nos constitui.

Portanto, nessa perspectiva, é fundamental ressaltar que a teatralidade² faz parte da condição humana não porque escondemos uma suposta essência “verdadeira”, mas justamente porque não temos uma essência que nos defina previamente e que nos assegure um acabamento definitivo. Assim, a teatralidade será aqui compreendida como condição inseparável de nosso existir humano inacabado, mesmo quando agimos ignorando ou fugindo dessa condição. Essa fuga muitas vezes nos faz agir como se não fôssemos livres, mas portadores de uma identidade fixa, e é justamente nesse movimento de fuga que algumas idealizações contemporâneas ganham força. Vivemos, em muitos contextos, fixados em determinados personagens que representamos na cena social, os quais nos oferecem uma ilusão de “eu” pleno e acabado. Nessas situações, a “máscara de guerra”, tão bem descrita por Clarice, fica fixada em nós, de modo que passamos a acreditar, com muita frequência, que *somos* unicamente aquele personagem.

Levando em consideração a dificuldade de assumirmos nosso próprio inacabamento e, conseqüentemente, a liberdade inerente à teatralidade que nos constitui, o objetivo principal desse artigo consiste em discutir de que forma as particularidades de nosso modo de viver contemporâneo se relacionam com a intensificação da busca por um ideal irrealizável de completude, e concomitante a isso, compreender alguns reflexos desse cenário nas relações de tensão que estabelecemos com nosso horizonte histórico-social na atualidade.

Para desenvolver os objetivos aqui propostos, o artigo em questão foi estruturado em duas partes. Na primeira, partimos de uma visão mais ampla sobre nossa condição humana para entendermos a intrínseca relação entre subjetividade, inacabamento e teatralização de si mesmo. Para isso, as noções de liberdade, angústia e representação, tal como concebidas em uma psicologia de inspiração sartriana, serão fundamentais. Veremos que diferentemente do sentido de liberdade ilimitada e irrestrita fortemente presente na atualidade, o homem, aqui, não é visto como portador de um poder ilimitado, mas sim como um ser inacabado. Ou seja, ele não pode tudo, e é livre justamente porque é ontologicamente destituído de qualquer essência que lhe confira acabamento. Nesse processo de construção de si junto ao mundo, haverá sempre uma falta a ser preenchida porque a incompletude faz parte da condição humana. Veremos, então, que qualquer ideal de completude é impossível de ser plenamente alcançado justamente porque o homem está fadado a representar-se. Será discutido, nesse momento, o que Sartre, em seu tratado “O Ser e o nada” (2008), chamou de “ideal da sinceridade”, ideal esse que, como veremos, será sempre irrealizável.

Assim, apesar da vida se fazer nesse incessante processo de teatralização, fugimos constantemente dessa condição para evitarmos o confronto com a angústia de sermos inacabados. É importante demarcar, no entanto, que tal fuga não necessariamente é um problema. Ela é inevitável e sempre será uma forma possível do homem exercer sua liberdade. O que aqui se apresenta como um problema a ser discutido é pensarmos em que medida nosso horizonte histórico-social pode estar relacionado com a exacerbação da busca por um

¹ O artigo aqui apresentado é um recorte da pesquisa de doutorado da autora realizada no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ. (Thieme, 2017).

² Em sua definição do verbete “teatralidade”, o clássico “Dicionário de teatro”, de Patrice Pavis (2015, p.374), aponta que “teatralizar um acontecimento ou um texto é representar cenicamente usando cenas e atores para construir a situação.” Partindo desse ponto de vista, a representação é parte constitutiva de toda teatralização.



acabamento. Tal questão será aprofundada na segunda parte do artigo, onde a partir da discussão de algumas particularidades de nosso “modo de viver contemporâneo”, veremos que uma frequente forma atual de busca por acabamento se dá através do que aqui chamaremos de “cultura da onipotência.” Tal fenômeno pode ser observado na naturalização do personagem descrito na contemporaneidade como aquele que “vence na vida” – legitimado pela cultura contemporânea como o “vencedor” - identificado como “herói” contemporâneo porque tudo pode alcançar, não precisando lidar com seus limites, com suas faltas, enfim, com sua própria incompletude. Veremos que, com grande dificuldade de repensar e reinventar para si modos de ser, esse indivíduo imerso na cultura da onipotência pode assumir para si formas de existir engessadas, passando a viver “colado” a esse personagem idealizado e irreal, aqui ilustrado na figura do “vencedor”.

É importante esclarecer que a noção de “contemporaneidade” é usada nesse artigo com a finalidade de demarcar características específicas de nosso modo de viver na atualidade. Parte-se aqui do pressuposto de que a contemporaneidade se manifesta através de pequenos *flashes*, que quando analisados juntos e compreendidos como parte de um todo, ajudam a revelar tendências importantes do modo atual com que lidamos com nossas experiências de abertura e de inacabamento. Portanto, a intenção aqui não é esgotar o contemporâneo, até porque esse contemporâneo abstrato e genérico de fato não existe. O que existe são os sujeitos e grupos concretos aí situados, e o que aqui se pretende é justamente chegar mais “perto” desse “contemporâneo” através da análise de algumas tendências fortemente compartilhadas em nossa época.

“Se Represento, já não Sou”: A Sinceridade como Ideal Irrealizável e a Existência enquanto Teatralização

Para compreendermos o modo como lidamos, hoje, com o inacabamento de nossa condição, é importante primeiramente esclarecermos como as noções de liberdade, angústia e representação são concebidas em uma psicologia de inspiração sartriana. I

Inicialmente, é fundamental ressaltar que diferentemente do sentido hegemonicamente dado à noção de liberdade na contemporaneidade, onde ela é muitas vezes entendida nos moldes do ideal “querer é poder”, conceber o sujeito como livre, em Sartre, não significa pensá-lo como ilimitado. O sujeito é livre por ser ontologicamente constituído pela “falta”, ou seja, por não ter uma essência que lhe confira um acabamento, e essa forma de entender a liberdade nos aponta para a importância de lembrarmos que, no campo da realidade humana, nunca será viável a realização de todos os possíveis.

Dessa forma, para Sartre (2008), não “conquistamos” ou “obtemos” a liberdade, visto que ela nos *constitui*. E a angústia viria justamente do desamparo de estarmos livres de qualquer determinação: “na angústia, capto-me ao mesmo tempo como totalmente livre e não podendo evitar que o sentido do mundo provenha de mim” (Sartre, 2008, p. 84)

Em *O Ser e o Nada* (2008), Sartre descreve tipos e formas da angústia se manifestar bastante elucidativos. Um desses exemplos é o que chama de “angústia temporal”, um tipo de angústia que se manifesta ante o passado e ante o futuro que ajuda a clarificar o irremediável inacabamento que nos constitui. Como somos livres, pontua Sartre (2008), uma decisão no passado não pode determinar uma decisão atual, nem uma decisão presente decidirá o que o sujeito será amanhã. Ele cita o exemplo do jogador que um dia resolveu verdadeiramente abandonar o vício, mas que ao aproximar-se de uma mesa de jogo se angustia, pois a decisão anterior definitivamente não garante que ele continue mantendo a mesma conduta, o que faz com que tenha, então, que livremente e diariamente refazer a decisão anterior.

Desse modo, a liberdade nos *constitui* justamente por sermos inacabados, e o confronto com nosso inacabamento é inevitavelmente acompanhado de angústia. Tal confronto nos lembra da obrigação perpetuamente renovada de refazer nossa noção de “eu” sempre provisória. Portanto, apesar de livre de determinações, a verdade sobre si não está só nas mãos do indivíduo, ou seja, o horizonte imponderável do mundo está sempre presente nessa tentativa de “totalização” sempre em curso e incompleta.

Desprovido da possibilidade de ter uma identidade plena e acabada, o indivíduo existe tentando incessantemente se completar, ou se totalizar, admite Sartre (2008), e um dos problemas da Psicologia clássica seria que ela tenta nomear esses “desejos” e os justifica através da suposição de tendências. Essa subjetividade plena e acabada, até existe, adverte Sartre, mas existe sob a forma daquilo que ele chamou de “má-fé”, que é uma maneira que a consciência humana tem de negar sua inexorável condição de liberdade.

Ao apontar algumas variações dos comportamentos de má-fé, Sartre (2008) descreve um ideal inatingível muito importante nessa discussão: o ideal de “sinceridade”, isto é, a exigência de que sejamos plena e unicamente “aquilo que somos”. Contudo, Sartre alerta que se o homem “é o que é”, a sinceridade deixaria de ser um ideal para tornar-se definitivamente seu ser. “Mas o homem é o que é?”, nos indaga Sartre (2008, p.113), apontando para a chave da questão. O problema reside justamente que essa definição de “ser o que é” não abarcaria a realidade humana. Portanto, “se eu fosse um homem triste ou covarde assim como esse tinteiro é tinteiro”, afirma Sartre (2008, p.113), “sequer seria concebível a possibilidade de “má-fé”. Não apenas não poderia escapar ao meu ser, como sequer poderia imaginar poder escapar”. Dessa forma, poderíamos chegar à “má-fé” na busca pelo ideal da sinceridade, que aqui pode ser entendido como um ideal de completude. Para tornar mais evidente a impossibilidade de realização do ideal da sinceridade, é pertinente



citar aqui o clássico exemplo em que Sartre descreve o comportamento de um garçom:

Vejamos esse garçom. Tem gestos vivos e marcados, um tanto precisos demais, um pouco rápido demais, e se inclina com presteza algo excessiva. [...] empenha-se em encadear seus movimentos como mecanismos regidos uns pelos outros. Sua mímica e voz parecem mecanismos, e ele assume a presteza e rapidez inenarrável das coisas. Brinca e se diverte. Mas brinca de quê? Não é preciso muito para descobrir: brinca de ser garçom. Nada de surpreendente: a brincadeira é uma espécie de demarcação e investigação. A criança brinca com seu corpo para explorá-lo e inventariá-lo, o garçom brinca com sua condição para realizá-la. Vemos quantas precauções são necessárias para aprisionar o homem no que é (Sartre, 2008, p.105-106).

Acontece que “o garçom não pode ser garçom à maneira que esse tinteiro é tinteiro, esse copo é copo”, observa Sartre (2008, p.106). Portanto, a condição de ser garçom - ou de ser qualquer outra coisa -, é uma *representação* para os outros e para ele mesmo, o que significa que ele só pode *ser* algo em *representação*. Isso acontece devido à fissura ontológica que faz com que jamais consigamos nos identificar plenamente com o que pretendemos ser. Tal fissura que caracteriza nosso modo de ser faz com que nos seja permitido apenas “brincar de ser”, nos diferenciando assim da “seriedade” existente nas coisas acabadas. Portanto, prossegue concluindo Sartre (2008, p.106-107), “se represento, já não o sou”.

Sartre (2008), se apropriando da base da fenomenologia proposta por Husserl, vai ressaltar que não temos como ter acesso direto ao “ser”, apenas ao seu fenômeno. O Ser não se esgota em um determinado aparecer³. Como ninguém é de fato aquilo que parece ser, o homem está fadado a representar-se. Essa constatação sartriana é o ponto de partida fundamental para entendermos a inseparabilidade entre existência e teatralização.

Tal relação intrínseca entre existência humana e teatralização já foi colocada em cena por pensadores e pesquisadores em variados campos de saber como, por exemplo, no campo da Sociologia. O sociólogo Erving Goffman, em seu célebre livro “A representação do eu na vida cotidiana” (2014), traz para o público seu importante estudo dedicado ao desempenho dos papéis sociais, com o enfoque na representação que perpassa nossas interações sociais. Ao mostrar como tais representações na vida cotidiana dão corpo à teatralidade inerente à própria vida social, Goffman se apropria de termos teatrais – como atores, papéis, plateia, bastidores, etc.- e reforça a existência inevitável do que chama de “máscara” no modo como existimos no mundo. É importante notar que, assim como Sartre, ao falar em máscara, Goffman não utiliza a palavra em um sentido pejorativo, mas sim reconhecendo o fato de que todo ser humano está, em alguma medida, representando um papel. Portanto, ao encenarmos na cena social, podemos forjar um papel com o intuito de convencer uma “plateia”, e ao fazer isso criamos uma identidade que nos justifique. Nessa forma de enxergar a relação homem-mundo Goffman reforça a tese que concebe a existência enquanto teatralização:

Uma cena corretamente representada conduz a plateia a atribuir uma personalidade ao personagem representado, mas esta atribuição – este ‘eu’ – é um ‘produto’ de uma cena que se verificou, e não uma ‘causa’ dela. O ‘eu’, portanto, como um personagem representado, não é uma coisa orgânica, que tem uma localização definida, cujo destino fundamental é nascer, crescer e morrer; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado. (Goffman, 2014, p.271)

Tal ponto de vista dialoga de forma direta com a perspectiva de pesquisadores do campo das artes cênicas. Uma coletânea de pesquisas intitulada *A teatralidade do humano* (Pardo, 2011) é um exemplo disso. Apesar da multiplicidade de concepções de teatralidade ali pesquisadas, um pressuposto parece ser a linha condutora tanto da ideia defendida pelos autores quanto da ideia que serve de base para as questões aqui discutidas: a concepção de que nossas teatralidades não podem ser compreendidas fora da vida cotidiana:

Driblando tristezas e opressões de diversos tipos, criamos outras peles para atravessar as incertezas e impermanências. Mas as criamos também para escapar ao que se impõe como habitual e familiar, como certeza e permanência. Vestimos personagens, nos maquiamos, nos reinventamos no dia a dia, em táticas e astúcias, para desempenhar papéis, mas simultaneamente, para evadi-los, para “des-empenharmo-nos” deles, libertarmo-nos. Nesse jogo de desempenhar e “des-empenhar” papéis, teatralizamos nossas relações com a escola, o trabalho, o amor, o erotismo, e todos os campos do cotidiano (Pardo, 2001, p.47).

Ao analisarmos de maneira atenta nosso horizonte histórico aqui chamado de contemporaneidade, percebemos que essa característica de nossa condição humana de evadir os papéis para “des-empenharmo-nos” deles – que de fato é a base da teatralização – vem ganhando contornos bastante desafiadores nos dias de hoje. Entender o cenário que está por trás disso, bem como identificar seus reflexos em algumas manifestações de sofrimento psíquico na atualidade, são os objetivos das discussões a seguir.

³ Como o *Ser* não se esgota em um determinado aparecer, é preciso então que haja aquele que aparece, que Sartre vai chamar de *Em-si*, e aquele para qual o objeto aparece, que seria a consciência humana - que Sartre vai chamar de *Para-si*. Por ser abertura constante, o *Para-si* vive, portanto, em uma eterna busca, tentando a todo o momento “preencher-se” ao buscar uma ilusória condição de “acabamento”.



O Projeto Contemporâneo de Onipotência e o Culto ao Personagem “O Vencedor”

Para entendermos o modo como lidamos, hoje, com nossa incompletude e, conseqüentemente, com nossa própria teatralidade, torna-se fundamental discutirmos alguns valores que a contemporaneidade aponta como necessários para um determinado tipo de ideal de felicidade fortemente propagado em nosso viver cotidiano, ideal esse que parece ser bem ilustrado pelo personagem descrito como aquele que “chegou lá” e “venceu na vida”, personagem comumente identificado como “o vencedor”: alguém sem “faltas”, perdas, limites e conflitos⁴. Desse modo, é importante ressaltar que não é à toa que o termo “vencedor” vem aqui seguido do artigo definido “o”. O propósito é justamente colocar em questionamento o projeto de onipotência que cerca esse personagem tipicamente contemporâneo. Nesse projeto, não basta ser apenas *um* vencedor qualquer, é preciso se destacar de forma exclusiva já que a individualização dos méritos é parte fundamental da performance exigida desse personagem.

Inicialmente, para compreendermos de forma mais aprofundada esse cenário, é necessário lembrar que tal projeto de onipotência se fortaleceu no horizonte histórico conhecido como modernidade⁵, e vem ganhando contornos exacerbados e paradoxais na contemporaneidade. Para Gilles Lipovetsky (2004) e Nicole Aubert (2004), dois importantes pesquisadores desse modo de viver contemporâneo, a partir da segunda metade do século XX a sociedade vivenciou profundas mudanças que refletiriam um “excesso” de modernidade alicerçado em três máximas: o mercado, a eficiência técnica e o indivíduo. Os autores denominam essa modernidade elevada a uma potência máxima de *hipermodernidade*. Para eles, dentre todas as características observadas, é especialmente a busca por urgência que ganharia um papel de destaque nesse modo hipermoderno de estar no mundo, fazendo com que a medida de bem-estar atual passe a ser proporcional à capacidade do indivíduo corresponder à lógica do “sempre mais e sempre mais rápido”. Podemos dizer, portanto, que esse modo “hiper” de estar no mundo exacerba aquilo que o mundo moderno entende como modo “ideal” do indivíduo vivenciar o tempo, que seria o modo da aceleração.

Dessa maneira, deparamo-nos, hoje, com uma intensificação do culto ao indivíduo iniciado na modernidade, associado a uma intensificação de experiências de aceleração, uma generalização do uso de valores mercadológicos em várias instâncias da vida, e uma importante exacerbação das sensações de efêmero e transitório. Podemos afirmar então que vivenciamos, hoje, a exacerbação de um forte sentimento de desamparo diante de um mundo instável, acelerado e efêmero, que escapam totalmente ao controle, e cujas regras mudam rapidamente. O conjunto dessas tendências foi ajudando a construir isso que aqui chamamos de “viver contemporâneo”.

Em sua obra *Crítica da razão dialética* (2001), Sartre apresenta alguns importantes elementos que nos ajudam a compreender o cenário aqui discutido. Nesse texto, ele chama de “prático inerte” toda materialidade social que estrutura e prescreve a nossa vida de forma serializada, o que envolve normatização e obediência a regras hegemônicas - isso engloba aquilo que comemos, fazemos, sonhamos, compramos, etc. Um olhar mais atento para nosso viver contemporâneo nos permite perceber que esse “prático inerte”, ou seja, esse modo de existência social que prescreve nossa vida de forma serializada, tem exigido do indivíduo valores que são muitas vezes contraditórios. Assim, se por um lado vemos a prescrição da existência restrita a uma lógica produtivista, com um sentido de utilidade, eficácia e performance muito bem delineado, por outro lado, vemos uma prescrição pautada em valores hedonistas, que envolvem o prazer imediato e a fuga da dor e do desconforto.

Desse modo, quando adotamos a urgência e a aceleração das experiências como padrões temporais quase que absolutos para nosso viver cotidiano, por exemplo, estaríamos no campo do que Sartre (2001) chamou de “série”, modo de existência social dominado pelo “prático inerte” em que impera um sentimento de impotência e passividade por parte do indivíduo. Para Sartre, um processo de “alienação” ocorre quando o sujeito abdica daquilo que faz sentido para si e assume as prescrições do horizonte histórico como sendo suas únicas possibilidades. Assim, o sujeito participa de sua alienação, aponta Sartre (2001), quando passa a querer corresponder cegamente a essas prescrições, que nos dias de hoje podem ser percebidas, por exemplo, em frases já naturalizadas em nossa vida social: “ainda não é suficiente”, “tenho que dar conta”, “quanto mais, melhor”, são algumas falas que revelam com clareza a busca contemporânea por ideais irrealizáveis de completude nas mais variadas esferas da vida.

Portanto, podemos afirmar que a rigidez na busca pelo desempenho pleno desse personagem – aquele identificado como “vencedor” justamente porque busca forjar uma suposta completude – vem se revelando uma característica bastante exaltada no modo de viver contemporâneo. Vemos em vários contextos a dificuldade do indivíduo em reconhecer suas limitações e imperfeições, na medida em que busca a solidez oferecida pela restrição a esse único personagem. Quem não consegue sustentar a performance do “vencedor”, corre o risco de ser “encarcerado” no grupo dos “perdedores”, o que revela a faceta binária da estrutura “prático-inerte” que rege a contemporaneidade: Ou existe o sucesso, ou o fracasso. Dessa forma, um olhar mais atento

4 Dentro de uma concepção Sartriana, a figura simbólica do “vencedor” pode ser vista como um exemplo da tentativa moderna de perceber o “eu” como um ser plenamente acabado, isto é, como uma espécie de Em-si-Para-Si que se assemelharia, na visão de Sartre (2008), ao ideal de Deus.

5 Sobre o período aqui chamado de “modernidade”, Luís Claudio Figueiredo (1999) aponta o Renascimento no século XV e posteriormente o pensamento iluminista do século XVIII como marcos importantes para o surgimento de noções modernas como interioridade e individualidade, assim como para o surgimento da crença na capacidade da razão humana no domínio de si e da natureza.



percebe que são muitas as formas propostas para o alcance de uma ilusória completude na atualidade, porém, quase todas estão ligadas a um ideal rígido de subjetividade, e essa rigidez nos tem levado a uma problemática consequência: o indivíduo contemporâneo tem se deparado com a paradoxal dificuldade de reinventar sua existência e exercer sua liberdade de ser “outros”, mesmo estando inserido em um tempo de múltiplas aberturas e possibilidades.

Tal contradição, fortemente presente no momento atual, já era objeto de análise do filósofo Franklin Leopoldo e Silva em texto publicado em 2008, onde já alertava: nunca vivemos tantas mudanças, mas ao mesmo tempo nunca fomos tão incapazes de mudar. Conforme visto, as incertezas e a fluidez passam a ocupar, na contemporaneidade, uma posição mais significativa no conjunto da vida, e o filósofo adverte que, presumivelmente, a presença maior da contingência na experiência deveria dar ao sujeito um sentimento mais nítido de liberdade, mas definitivamente não é isso que temos observado (Silva, 2008).

Isso aconteceria, argumenta o filósofo, pelo fato de medirmos o tempo pela *quantidade* de opções que nos são oferecidas no que se refere aos mais diversos aspectos da vida, havendo sempre um número maior de maneiras de viver e um maior número de bens a serem desfrutados. Nessa busca cega pela quantidade de mudanças, “banalizamos a experiência”, e perdemos, progressivamente, o *sentido* da mesma (Silva, 2008, p.157). O filósofo retoma então a perspectiva sartriana de subjetividade e nos apresenta uma importante análise de nosso modo de viver contemporâneo:

se é verdade, como diz Sartre, que o indivíduo somente se constitui na sua singularidade quando interioriza as mudanças exteriores e as exterioriza pela mediação de sua subjetividade, talvez se possa dizer que vivemos num mundo em que as mutações não são verdadeiramente interiorizadas pelos sujeitos, muito menos exteriorizadas enquanto determinações assumidas singularmente. Simplesmente são objetos de experiência externa em que a história resvala na composição superficial de um sujeito exterior a si mesmo e de um mundo que se faz estranho na sua profundidade e familiar na sua trivialidade. (Silva, 2008, p.157)

Assim, ao colocar em cena tal discussão, o filósofo chama a atenção para um paradoxo bastante revelador da contemporaneidade: em um mundo em constante mutação e aceleração, a maior parte das inúmeras possibilidades de reinvenção de si tende a se dissolver e a se anular no “frenesi alienante da vivência absolutamente externa e completamente impessoal da rotina das transformações, com a qual o indivíduo convive no modo de um consumo indiferente do que é sempre novo e sempre igual”. (Silva, 2008, p. 162)

Hoje, no século XXI, tais considerações parecem ganhar contornos ainda mais intensos. Mesmo sendo atravessado por um horizonte histórico constituído pela aceleração social e mudanças incessantes, observamos hoje, paradoxalmente, uma forte rigidez e apego a determinados modos de existir no mundo, sendo o ideal de onipotência um claro exemplo disso. Pautado na crença de que é possível dominar a vida segundo seu ritmo e sua vontade, o personagem “o vencedor”, na atualidade, revela a dificuldade de aceitarmos a dimensão vulnerável do nosso existir humano.

Diante disso, é importante ressaltar que tal projeto de onipotência que atravessa nosso horizonte histórico-social pode ser observado na relação do homem com as mais variadas esferas da vida social. Conforme observa o filósofo Byung-Chul Han (2015, p.24), “o plural coletivo da afirmação *Yes, you can* expressa precisamente o caráter de positividade” de nosso modo de viver atual. A “solidez” oferecida pela figura do vencedor que não “vacila” parece exercer um grande fascínio na cultura contemporânea justamente por restringir nossa existência àquilo que Han (2015, p.24) chamou de “caráter de “positividade” de nossa sociedade: mergulhado na cultura da “superação dos limites” e da crença em um poder ilimitado individual, esse “sujeito do desempenho” tende a interpretar o inatingível como sendo algo relativo à sua impotência. Tal excesso de positividade – tão fortemente presente no discurso em torno dos eleitos “vencedores” na cultura da onipotência - parece estar fortemente conectado com o sentimento de fracasso pessoal e de impotência que aparece na base de grande parte das formas contemporâneas de sofrimento psíquico.

Assim, torna-se extremamente necessário reforçarmos que o ideal atual de “vencedor”, pensado na vida humana real, é de fato insustentável, só sendo possível de ocorrer através do uso de mecanismos que silenciam nossa condição vulnerável e frágil. Nesse contexto, é pertinente lembrarmos o uso que a contemporaneidade faz de redes sociais como o *facebook*, *instagram* e *whatsapp*. Um olhar mais atento para os sentimentos de fracasso e impotência fortemente presentes em nosso cenário contemporâneo revela a importância dada ao reconhecimento do olhar do outro, reconhecimento esse que assume contornos bastante relevantes no exemplo das redes sociais. Para compreendermos melhor como isso vem ocorrendo hoje, é fundamental retomarmos as reflexões feitas por Guy Debord (1997) já no final da década de 60, momento em que chamou de “sociedade do espetáculo” um tipo de sociedade em que o olhar do outro e seu aplauso passam a ser o sentido maior das ações cotidianas, e o *parecer* ou *mostrar-se* tornaram-se sinônimos de *existir*.

Trazendo tal reflexão para a cultura da onipotência aqui discutida, podemos observar que a imagem de “vencedor” muitas vezes parece ser a tônica norteadora das redes sociais, mesmo que tal imagem não coincida com a vida real do sujeito, visto que o que importa é o que você “aparenta” ser aos olhos do outro. Aí talvez esteja um dos grandes motivos que fazem das redes sociais o fenômeno



social que é hoje: ali, só é visível aquilo que o sujeito escolhe mostrar de si. Portanto, ao colocar totalmente nas mãos do indivíduo o poder de “aparentar” ser esse vencedor superestimado pelo modo de vida contemporâneo, as redes sociais podem ser compreendidas como sedutoras ferramentas de fuga de nossa incompletude.

Sobre a importância do olhar do *outro*, Sartre dedicou uma análise em seu tratado “O Ser e o Nada” (2008) que é bastante pertinente para compreendermos como o incentivo à cultura do “ser visto” está relacionado com o aumento da ilusão da completude aqui discutido. Para Sartre (2008), a aparição do *outro* e a consciência de “ser visto” provoca em quem é visto um poderoso efeito objetivante. Esse *outro* seria, antes de tudo, “o ser para o qual sou objeto, ou seja, o ser pelo qual adquirei minha objetividade. Se posso conceber uma só de minhas propriedades ao modo objetivo é porque o outro já está dado” (Sartre, 2008, p.347). Ora, com isso, prossegue Sartre, o *outro* cumpre por mim uma função que sou incapaz: transforma-me em uma coisa acabada, que o filósofo chama de “Em-si”.

Portanto, para *sermos* qualquer coisa, inclusive um suposto “vencedor” em algum contexto ou área da vida, precisamos, inevitavelmente, do olhar do *outro*. Daí pode-se retirar uma importante chave de leitura para o sucesso das redes sociais no viver contemporâneo. A subjetividade humana por ser sempre inacabada, vai estar sempre em busca de uma completude, e o alto grau de visibilidade proporcionado pelas redes sociais - e seus inúmeros recursos e ferramentas de edição da realidade - oferecem justamente uma ilusão de constância, solidez e objetividade.

Dentro dessa lógica, estaria nas mãos do sujeito o tipo de imagem e identidade que ele quer forjar para o Outro. Porém, a grande questão é que mesmo com toda tecnologia a nossa disposição, a angústia diante de nosso inacabamento não diminui, e em muitos casos até aumenta. Sartre vai alertar que essa objetividade revelada pelo olhar do *outro* é sempre fugaz, pois nunca seremos capazes de apreender efetivamente essa visão que o *outro* tem de nós. E se esse olhar do outro faz o que quer da gente, o incômodo será sempre inevitável, pois nunca estamos totalmente seguros do que somos frente à liberdade alheia.

Ao prometer a abolição de qualquer limitação ou obstáculo – seja físico ou subjetivo - o projeto contemporâneo de onipotência também tira de cena a necessidade da renúncia de caminhos e possibilidades, fazendo-nos muitas vezes esquecermos que a perda é algo constitutivo da existência. A ideia de um sujeito ilimitado reforçada nas propagandas de objetos e serviços – onde é oferecida a ilusória possibilidade do consumidor ter e ser o que quiser, onde e quando quiser – também se revela como um exemplo bastante ilustrativo do ideal da completude. O sujeito imerso na cultura da onipotência é constantemente seduzido pela ideia de que precisa aproveitar ao máximo todas as oportunidades, não necessitando, portanto, lidar com a angústia das renúncias inerentes às escolhas e aos limites de seu existir.

Nesse sentido, o culto atual a esse personagem tido como “o vencedor” – seja no trabalho, no consumo, na relação com o outro, etc - aponta para a forte presença de um “espírito de seriedade”, usando aqui mais uma vez a expressão de Sartre (2008), na medida em que traz a crença na possibilidade da tão almejada “substantialização tranquilizadora e coisista dos valores.” (Sartre 2008, p.84). A questão fundamental de ser lembrada é que quando pensamos em realidade humana, “ser vencedor”, por exemplo, não é uma “substância”, ou uma coisa fechada, mas uma possibilidade de existir sempre inacabada e impermanente, conforme acontece com todas as outras possibilidades de modos de existir.

Porém, tal como o garçom que representa e teatraliza seu papel social de garçom, conforme visto no exemplo dado por Sartre, podemos dizer que o sujeito imerso nesse cenário da onipotência é incitado cotidianamente a enxergar esse personagem que “tudo pode” e “tudo consegue” como única possibilidade de existir no mundo. Isso ocorre porque diferentemente do que ocorre com o ator profissional, a teatralidade de nossas performances cotidianas, não são frequentemente reconhecidas, enquanto tal e colocadas em questão por nós. Nesse sentido, o trabalho do ator sobre si mesmo pode se revelar como uma potente metáfora para problematizarmos a fixidez de papéis ou máscaras que tendemos a colar em nós mesmos em nosso existir cotidiano (Thieme, 2017). Isso porque diferentemente do automatismo do viver cotidiano, onde nos identificamos cotidianamente com essências acabadas e completas, na expressão artística, o reconhecimento do fracasso de nossas tentativas de acabamento está presente de maneira bastante privilegiada. Portanto, na medida em que revela a não fixidez dos papéis que desempenhamos, podemos aqui levantar a hipótese de que não só a arte teatral, mas toda forma de criação artística, em alguma esfera, apresenta a preciosa capacidade de nos convidar a assumirmos o inevitável inacabamento de nossas existências cotidianas.

Assim, diante do que foi discutido ao longo desse artigo, pode-se concluir que o engessamento nos modos de existir observado na atualidade, assim como a consequente dificuldade em lidarmos com nossa própria teatralidade, revelam questões fundamentais de serem pensadas por uma Psicologia interessada em compreender algumas tensões decorrentes entre o homem e seu horizonte histórico-social. Portanto, torna-se dever de uma Psicologia comprometida com o acompanhamento cuidadoso das manifestações de sofrimento psíquico na contemporaneidade, a manutenção de um olhar constante de desconstrução das verdades naturalizadas pela cultura da onipotência aqui discutida. Isso exige que a Psicologia também assuma sua dimensão incompleta, estabelecendo assim uma relação permanentemente porosa com outros campos de saberes e outras formas de narrativas sobre o homem.



Considerações Finais

Conforme foi possível observar, o incômodo existencial decorrente de nosso inacabamento sempre estará presente em nossa relação com o mundo, visto que ele é parte de nossa condição humana. Em um primeiro momento da discussão, vimos como as implicações dessa falta de acabamento que nos constitui estão diretamente articuladas com as noções sartrianas de angústia, representação de si e liberdade. Compreendemos aí que apesar de livre de determinações, os contornos provisórios sobre a subjetividade não estão apenas nas mãos do indivíduo, ou seja, o horizonte imponderável do mundo está sempre presente nessa tentativa de “totalização” sempre em curso e incompleta.

Estando o homem fadado a representar-se, a teatralização, portanto, é parte fundamental de nossa relação com o mundo. Essa condição faz com que a “seriedade” das coisas acabadas se apresente como uma possibilidade para o homem apenas através do ato que Sartre chamou de “má-fé”: na tentativa de fugirmos da angústia da indeterminação, existimos, cotidianamente, como se de fato fôssemos por “completo” alguma coisa.

Ao discutir como tal condição se apresenta no horizonte atual, vimos que ao longo da constituição do conjunto de sentidos vigentes no mundo contemporâneo, é possível constatar uma intensificação do silenciamento de tudo aquilo que nos lembra da incômoda indefinição presente no processo de construção cotidiana de quem somos, incluindo aí especialmente a teatralidade de nossa condição. Sobre tal horizonte histórico aqui apresentado, é importante lembrar que a intenção não foi de esgotar o contemporâneo. A noção de “contemporaneidade” aqui empregada se refere a características compartilhadas no mundo atual, manifestadas concretamente através de alguns significativos fenômenos sociais.

Nesse sentido, após as discussões realizadas, podemos afirmar que nosso cenário contemporâneo tem se revelado como propiciador de uma cultura que, em longo prazo, parece aprisionar e restringir modos de existir. Vimos que apesar da aceleração incessante provocada pelo avanço da técnica, convivemos com um tempo e um espaço bastante limitados para lidarmos com experiências que desestabilizem nossas rígidas crenças sobre quem somos ou deveríamos ser. Tal cenário contemporâneo foi aqui analisado a partir de ideais derivados de um projeto de onipotência ilustrado pela figura do vencedor - aquele personagem contemporâneo que representa o ideal irrealizável de completude.

Constatou-se, portanto, a exacerbação da crença na ideia que diz que o indivíduo só pode se conceber como verdadeiramente realizado se corresponder minimamente a esse ideal de “vencedor” culturalmente propagado, colaborando assim para um forte sentimento de fracasso pessoal, que aparece na base de muitas manifestações contemporâneas de sofrimento psíquico. Observou-se que alguns ideais propagados na atualidade são transformados muitas vezes em imperativos que trazem em si algo da ordem do inatingível. O imperativo do personagem “que vence na vida” e seu ideal de onipotência ajudam a revelar o quanto acreditamos que realmente podemos *ser* por completo esse personagem. Uma importante consequência desse cenário é que a incompletude deixa então de ser encarada como constitutiva do homem, e passa a ser encarada como um problema a ser superado.

Assim, uma importante questão que pode ser concluída a partir dessa discussão é que, ao fugir do reconhecimento de nossa incompletude, acabamos muitas vezes não percebendo que caímos em outro tipo de incômodo, mas dessa vez um incômodo que gera intenso sofrimento psíquico, pois é fruto da rigidez em nossos modos de existir e da dificuldade de nos apropriarmos da liberdade que somos. Conforme vimos, esse tipo de sofrimento que nos “aprisiona” em um único personagem ganha aceitação já naturalizada em nossa cultura atual, por isso seus efeitos nem sempre são tão facilmente identificados.

Conforme expressa mais uma vez Clarice Lispector (1999, p.80), “saber que de então em diante se vai passar a representar um papel é uma surpresa amedrontadora. É a liberdade horrível de não ser. E a hora da escolha”. Finalizamos aqui reforçando que a constatação da “liberdade horrível de não ser” pode sim propiciar inúmeros incômodos e estranhamentos ao sujeito contemporâneo, mas ao ser assumida como nossa incontornável dimensão humana, essa falta de acabamento pode nos oferecer preciosas possibilidades de reinvenção e flexibilização nos modos como existimos no mundo hoje.

Referências

- Aubert, N. (2004). *Le culte à l'urgence: La société malade du temps*. Paris: Flammarion.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Figueiredo, L. C. (1999). *A invenção do Psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo: Escuta.
- Goffman, I. (2014) *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: vozes.



- Han, B.C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Lispector, C. (1999). Persona. In: Lispector, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pavis, P. (1999). *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva.
- Pardo, A. (2011). *A teatralidade do humano*. São Paulo: Edições SESC SP.
- Sartre, J.P. (1960). Apresentação da revista Les Temps Modernes. In: Sartre, J.P. *Situações II*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Sartre, J.P. (1978). *Questão de método*. São Paulo: Nova Cultural.
- Sartre, J.P. (2001). *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Sartre, J.P. (2008). *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 13. ed. Petrópolis: Vozes.
- Silva, F.L. (2008). Descontrole do tempo histórico e banalização da experiência. In: NOVAES, A. (org). *Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo*. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP.
- Thieme, M. (2017). *O incômodo de ser inacabado na contemporaneidade: diálogos e tensões entre existência, tragidade e teatralização*. 2017. 235 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Recebido em 26.07.2023 – Primeira Decisão Editorial em 09.04.2024 – Aceito em 20.04.2024